

O PLURALISMO RELIGIOSO NA METRÓPOLE DESAFIO PARA A PASTORAL URBANA

Me. Rafael Lopez Villasenor*

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo analisar o pluralismo religioso da metrópole, no contexto da secularização, buscando algumas pistas para a Pastoral Urbana a partir do Documento de Aparecida. A questão central é: Qual é hoje o papel da paróquia na metrópole marcada pelo secularismo e pluralismo religioso? A hipótese é que a presença da igreja, na cidade responde melhor, através de rede de comunidades e grupos, capazes de evangelizar a vida dos seus moradores.

Palavras-chave: *Metrópole. Secularismo. Pluralismo religioso. Paróquia.*

ABSTRACT

This work has as its object of study looking at the religious pluralism of the metropolis in the context of secularization seeking clues to the Urban Ministry from the Document of Aparecida. The central question is: What is today the role of the parish in the metropolis marked by secularism and religious pluralism? The hypothesis is that the presence of the church in the city should be given through a network of communities and groups, able to articulate the lives of its residents.

Keywords: *Metropolis. Secularism. Religious pluralism. Parish.*

INTRODUÇÃO

Ao longo da nossa experiência pastoral, na periferia, observamos grandes mudanças culturais, econômicas, políticas e religiosas entre outras. Acreditamos que essas mudanças levaram as pessoas a buscar um novo

* Mestre em Ciências da Religião PUC-SP. Doutorando em Ciências Sociais PUC-SP. E-mail: rafamx@uol.com.br.

sentido da vida e novas formas de relacionamento com o transcendente. A partir da vivência nesta realidade religiosa, enxergamos, por um lado, uma ressignificação religiosa, na busca de valores religiosos e, por outro lado, um afastamento do mundo religioso, fruto da secularização. Daí a necessidade do estudo do tema.

Sabemos que a Igreja Católica não consegue acompanhar o crescimento das grandes metrópoles. Ao surgir novos bairros e novos prédios, os novos moradores não encontram a mínima visibilidade estrutural da Igreja. As paróquias na periferia são, com frequência, muito grandes e algumas destas têm apenas um centro de referência que é a igreja matriz; por mais que elas aumentem, não são suficientes para atender a população. São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical, nem recebem os sacramentos e nem se inserem na vida da comunidade. Não é possível atender adequadamente as demandas religiosas na metrópole, com uma única igreja matriz e em um único expediente paroquial. É necessária uma renovação paroquial a partir de uma rede de comunidades, pequenos grupos e pastorais, de acordo com o Documento de Aparecida.

1. A MULTIPLICIDADE RELIGIOSA DA CIDADE

A metrópole é a concretização da modernidade e do capitalismo, resultado da centralidade econômica, que levou a migração para as metrópoles, trazendo grandes mudanças culturais, sociais e religiosas, embora as tradições religiosas populares mantêm-se ainda durante alguns anos, mas influem pouco ou nada nas gerações nascidas nas metrópoles. A urbanização tornou-se um fenômeno mundial.¹

¹ Os números demonstram que houve um crescimento vertiginoso da população urbana metropolitana no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. No início deste século, era de 1,2 milhão; em 1950, em torno de 18 milhões; dez anos mais tarde, 32 milhões; em 1970, atinge 52 milhões; em 1980, avança para 82 milhões e, na década de 90, chega a 120 milhões (SANTOS, 1998, p. 17-29). O Brasil é hoje um país urbano metropolizado. *O mundo rural vem perdendo população tanto em termos relativos como absolutos. No Censo de 2000 a população urbana representava 81,25% (137.953.959 pessoas), contra 84,35% (160.879.708 pessoas) em 2010. Já a rural representava 18,75% (31.845.211 pessoas) em 2000, contra 15,65% (29.852.986 pessoas) em 2010. O êxodo acelerado do campo para a cidade alimentou essas grandes concentrações populacionais.*

Nessa realidade complexa, o que é fenômeno urbano? Quando surgiu? Quais as consequências da transformação do meio ambiente natural, em meio ambiente construído ou artificial? Responder estas questões não é fácil. Porém, o mundo urbano é definido através de vários critérios, os quais incluem população, densidade populacional ou estatuto legal, embora sua clara definição não seja precisa, sendo alvo de discussões diversas. A população de uma cidade varia entre as poucas centenas de habitantes até as dezenas de milhões de habitantes. Não há um padrão mundial que defina uma cidade. Mas, antes de ser um espaço físico, o urbano é um espaço social e cultural, que cria um ambiente de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura. É o ambiente, onde vivem seres humanos que têm suas necessidades, seus sonhos, seus projetos de vida. É o ambiente modificado, alterado e construído.

A cidade transformou o homem ou o homem foi se transformando à medida que foi edificando o ambiente em urbano. A cidade não é um simples espaço físico, mas um horizonte cultural, que cria um estilo de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura (cf. BRIGHENTI, 2010, p. 9). “A sociedade metropolitana gira em torno do indivíduo isolado no espaço privado e anônimo no espaço público” (PASSOS, 2009, p. 33). O metropolitano vive sua rotina diária na competência e na eficácia daquilo que o sustenta e os subsidia para a vida pessoal, profissional e social. A urbanização aconteceu simultaneamente a um processo de racionalização religiosa, fruto da modernidade. Uma das consequências é que muitos dos habitantes das cidades nasceram no campo e estão marcados por uma mentalidade religiosa popular e tradicional, não é mais conservada pelas novas gerações, pois os pais não têm a garantia de transmitir seus padrões culturais aos filhos.

A religião urbana é cada vez mais heterogênea, exatamente por que a cidade também é cada vez mais formada por uma “pluralidade indicável de pessoas”.² Pessoas de diferentes grupos sociais, com diferentes interesses,

² Os dados sobre o bairro de Cidade de São Paulo mostram que os bairros que mais concentram pentecostais são: Cidade Tiradentes, com 21,7% e Lajeado, com 21,1%. As porcentagens tendem a aumentar à medida que se distancia do centro. Os bairros em torno do centro concentram maior porcentagem de católicos: Vila Leopoldina, com 80,5% e Morumbi, com 79 % e consequentemente os da periferia têm uma porcentagem menor Cidade Tiradentes, com 55,5% e Guaianases, com 57,2% de católicos. Os espíritas estão concentrados nos bairros: Tatuapé, com 7,9% e Mooca, com 7,8%. Por fim, os “sem religião”

ideais e materiais. Por isso, em seus textos, Weber (cf. 2006, p. 143) relaciona classes, grupos de status e camadas sociais das mais diversas. Diversos e distintos contextos urbanos têm razões sociais, políticas e econômicas convergentes e ou divergentes, para aderirem a este e não a outro modelo religioso. Portanto, são os interesses de classes das camadas sociais que podem determinar a opção religiosa.³

A multiplicidade religiosa é uma marca dos espaços urbanos metropolitanos. As práticas religiosas sofreram o impacto do mundo urbano, com sua lógica desagregadora, colocando o indivíduo no centro das ofertas vertiginosas de consumo de todo tipo de bens materiais e simbólicos (CARRANZA, 2011, p. 31). Tudo isso, ecoaria nas preocupações da adesão institucional religiosa, leva a crise das instituições; cada um sente o direito de fazer da vida pessoal o que bem entender, sem o controle das instituições. A pessoa sente-se à vontade, assim, para assistir a um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa na sua Igreja.

As pessoas “sem religião”, também são mais numerosas nos municípios metropolitanos marcados pelo pluralismo e pelas ofertas religiosas;⁴ nas periferias alcançam porcentagem acima da média nacional.⁵ O mundo urbano da metrópole é o espaço de afirmação da religião difusa e de negação da religião institucionalizada. Negação enquanto retira a visibilidade do espaço público dos símbolos religiosos, no inevitável processo de secularização, relegando-a ao espaço das intimidades individuais e confessionais. Afirmação

também estão em maior número na periferia: Marsilac, com 15,2% e Cidade Tiradentes, com 14,1%. (FOLHA DE SÃO PAULO, cotidiano 14 dezembro de 2003, p. 8).

³ Segundo os dados do censo do ano 2000, o catolicismo no Brasil era de 73,6%, destes, a maior porcentagem estava no interior e nas pequenas cidades, que alcançava 83,3%, enquanto que no mundo urbano da metrópole era apenas de 57,98% da população. Os Evangélicos de um total de 15,4%, a maioria estava no mundo das metrópoles 18,5% e no interior e nas pequenas cidades representava apenas 10,64% da população. As pessoas “sem religião”, também eram mais numerosas nos municípios metropolitanos marcados pelo pluralismo e pelas ofertas religiosas; nas periferias alcançavam porcentagem acima da média nacional.

⁴ No Município de São Paulo os católicos são 68,11 %; os evangélicos são 15,94%; os “sem religião” são 8,97 %. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> >. Acesso 29.12.2010.

⁵ Na região metropolitana do Rio de Janeiro os “sem religião” tem uma presença acentuada: cidade do Rio de Janeiro, 13,33%; municípios próximos como Belford Roxo, 27,02%; Japari, 26,02%; Itaboraí, 22,45%; Itaguaí, 22,9%; Nova Iguaçu, 21,88%; Duque de Caxias, 21,74%; São João do Meriti 20,36% (Cf. JACOB, 2003, p. 115).

que acolhe no mesmo movimento secularizador a pluralidade religiosa nas mais variadas expressões. É o espaço de criação e recriação religiosa, onde o tradicional e o novo se encontram, se confrontam e se fundem ativamente (cf. PASSOS, 2009, p. 22). Para alguns estudiosos,⁶ trata-se de um processo de re-encanamento que traz de volta os velhos deuses, numa espécie de revanche à sociedade secularizada. Um fenômeno de emergência da cultura popular que, no centro urbano, permite ao elemento religioso participar dos processos culturais como agente de significação e interferência na realidade (PASSOS, 2009, p. 12-13). A religião desenha a paisagem da metrópole com seus templos e cultos, lugar de vasto mercado religioso.⁷

A metrópole urbana aparece como menos religiosa, no sentido institucional. Quem migra à metrópole deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição, reinterpretada em função do contexto urbano, pode ser outra ou simplesmente ficar “sem religião”. Para Alberto Antoniazzi, (1994, p. 84) “na sociedade rural, a igreja católica é o centro de convergência, na grande cidade é um dos muitos ‘serviços’, que a cidade oferece”. No interior, a religião passa pela tradição cultural, expressa pela vontade dos pais e dos superiores em geral. As relações humanas se dão num forte entrelaçamento entre a pessoa, o ambiente familiar e o grupo cultural. Na metrópole, o indivíduo constrói o próprio caminho, que representa certo apelo para a liberdade individual e para autonomia nas decisões e opções. (cf. CNBB, sul 1, 2004, n. 29). No mesmo sentido a CNBB afirma:

⁶ Para aprofundar o tema ver: HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008. BALANDIER, George. *O dédalo, para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. PIERUCCI Antônio Flávio, Reencantamento e dessecularização. A propósito do autoengano em sociologia da religião. In: **Novos Estudos Cebrap**, n. 49, nov., 1997, p. 99-117. VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água Editores 1988. BERGER, Peter. “A dessecularização do mundo; uma visão global”. In: *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro: Iser, v.21 (1) 2001, p 9-24.

⁷ Para Peter Berger (1985, p. 149), a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “atraente” para uma clientela que não está mais obrigada a “consumir”. A situação pluralista é, também, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica do mercado. As instituições religiosas se adaptam à sociedade urbana moderna trocando o dogmatismo e a rigidez pelo diálogo na definição de normas e valores condizentes.

Para o homem urbano, que deixa de lado essa característica tão importante, racionaliza demais os dados da fé e se preocupa mais com aspectos sócias da transformação da realidade, a religião perde força. O forte ressentimento, em meios católicos, contra a relativização generalizada da devoção aos santos e do espírito profissional, tão próprio da expressão cultural do povo brasileiro e do espírito da sua religião católica popular (CNBB sul 1, 2004, n. 27).

A metrópole é um novo espaço social, que tem uma nova civilização, um novo modo de viver e agir, na qual as pessoas procuram ser felizes de maneira individual e privada, buscando mais a felicidade de bens econômicos, privados, particulares, subjetivos e religiosos. A vida desenvolve-se, ao mesmo tempo, em diversos espaços, mas, de maneira individual, é uma vida bastante agitada e estressante, o que leva muitas vezes a procurar conforto e sentido para a vida, na religião de cunho pentecostal ou sem qualquer vinculação institucional.

O indivíduo urbano encontra uma série de alternativas decorrentes da característica pluralista da cidade, a respeito das quais ele precisa tomar decisões de escolha. É natural e decorrente a questão: qual igreja frequentar? Qual religião ou qual divindade venerar? A cidade oferece ao indivíduo inúmeras opções de produtos e de religiões que se encontram no bojo dessas opções do mercado. A escolha do indivíduo passa a não mais ser apenas uma questão de fé, ou de instituição, mas de vantagens, privilégios, comodismos. Nas palavras de Berger (1985, p. 149), a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “atraente” para uma clientela que não está mais obrigada a “consumir”. A situação pluralista é, também, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica do mercado. As instituições religiosas se adaptam à sociedade urbana moderna, trocando o dogmatismo e a rigidez pelo diálogo na definição de normas e valores condizentes.

2. A RESSIGNIFICAÇÃO RELIGIOSA

O resultado desta contradição é uma metrópole socialmente assimétrica perpetuando parcelas imensas da população em condições de vida precárias e com suas velhas estratégias de manutenção e significação da vida. Uma metrópole diversificada de alto a baixo fazendo operar uma dialética múltipla entre as culturas que se produzem em seu seio, dialéticas de oposição, paralelismos, interações e resistências. O crescimento expressivo das denominações pentecostais, nos últimos anos, tem sido interpretado, por muitos, como um fenômeno metropolitano, porém de uma metrópole que exauriu o projeto da modernidade, trazendo de volta os velhos encantamentos da natureza e da história. O mundo metropolitano seria, portanto, um lugar privilegiado de re-encantamento, reascendendo à busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas. (PASSOS, 2001, p. 127).

A religião não desaparece, com as diversas mudanças causadas pela cultura pós-moderna, muito pelo contrário houve uma ressignificação urbana, que muitas vezes acontece fora da instituição. A modernidade conhece uma fermentação religiosa. Agora a pessoa faz a experiência individual de Deus no seu coração, nos seus próprios sentimentos, nas suas próprias emoções religiosas sem necessidade de uma ligação com a instituição. Sente a presença e o amor de Deus de modo sensível. A experiência torna-se mais intensa pela comunicação com outras experiências. Se a mesma experiência é vivida simultaneamente por milhares ou centenas de milhares de pessoas, a experiência transforma-se numa plenitude de alegria e emoção: choram, gritam, batem palmas, usam o corpo, etc. A subjetividade e o individualismo urbano metropolitano estão também, incorporados no discurso e na prática das Igrejas evangélicas pentecostais, respondendo e confirmando, em chave simbólica, esse modo de viver moderno e pós-moderno instituído pela sociedade capitalista.

As crenças e vivências religiosas na metrópole voltam-se, também, para soluções de problemas nem sempre procurando o significado último da existência, mas questões imediatas, requerendo respostas objetivas, eficientes e pragmáticas. A crença em Deus, no mundo urbano da metrópole, continua em alta. Porém, o que mudou foi a própria concepção de Deus. Não se trata mais de um Deus criador, pessoal, externo e tido como autoridade máxima. A concepção de Deus que mais cresce é a de uma energia ou princípio vital, mas que se encontra por toda parte. Um deísmo mais que um teísmo

(GUERRIERO, 2009, p. 374). Além do mais, buscaram-se soluções imediatas, muitas vezes de maneira mágica, sem comunidade religiosa. Neste sentido, entendamos o florescimento de novas comunidades e de Novos Movimentos Religiosos, não institucionalizados de maneira rígida, nos grandes centros urbanos; isto é, associações religiosas e correntes de espiritualidade surgidas nos dois últimos séculos sobre bases já de religiões antigas, tradições esotéricas, gnósticas ou o pensamento original de seus fundadores.

3. A SECULARIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES RELIGIOSAS

Houve um tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e “sem religião”, eram raros. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso e a conversa cotidiana confirmava que este é um universo encantado que esconde e revela um poder espiritual. A exigência de um sentido para a vida trazia às religiões certa identidade e lhes dava vida. (ALVES, 2008, p. 9). Conseqüentemente, durante muitos séculos a religião esteve na vida cotidiana e no centro da existência humana. Frequentar uma igreja era quase condição obrigatória. Os sinais religiosos ditavam o ritmo do tempo. As festas religiosas regulavam os ciclos da vida dos indivíduos e da coletividade (cf. HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 15). O ano estava determinado pelos tempos litúrgicos, com suas festividades e comemorações sagradas, o dia obedecia ao ritmo marcado pelas sucessivas horas sagradas, o toque do “*Angelus*”, o chamado à missa, ao rosário, ao serviço religioso. Enfim, o relógio paroquial instalado na torre da Igreja, com seus toques, era o indicar do tempo sagrado e profano (cf. MARDONES, 1996, p. 144). O mundo religioso era um mundo encantado. Apesar de o encanto ter sido quebrado, a religião não desapareceu. Porém, houve um processo de mudança chamado de secularização, na qual as pessoas abandonaram as instituições religiosas, ou estas não foram mais referência religiosa, conseqüentemente os indivíduos apresentaram diferentes atitudes e relações com o transcendente, com a ideia de Deus. As crenças não são mais herdadas e transmitidas de uma geração para outra. Em muitos casos a religião como instituição deixou de dar aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que deram sentido à vida e a existência.

Se por um lado houve uma ressignificação religiosa na cidade, por outro lado houve um afastamento, acreditamos que essa mudança é fruto da

secularização,⁸ embora o conceito nascesse no contexto europeu, embora quando se fala da religião refere-se mais à tradição judaico-cristã. Para Stefano Martelli (1995, p. 275), o termo designa os processos de laicização, a autonomia em relação à esfera religiosa, que surgiram no Ocidente a partir da dissolução do feudalismo,⁹ Porém, não há unanimidade sobre o conceito de secularização entre os diferentes autores desde as origens do termo. A secularização, contudo, qualquer que seja o entendimento, não ocorre da mesma forma e ao mesmo tempo em todos os lugares; mas emerge, ou não, em certos grupos e lugares, de acordo com cada contexto e suas influências; atinge as sociedades e os indivíduos de maneira diferente.

Segundo o pensamento do filósofo Gianni Vattimo (1998, p. 76), a categoria da secularização constitui um momento significativo, no que diz respeito à filosofia, seja aquela reflexão ligada à experiência religiosa. Dentro deste contexto a secularização se constitui numa palavra chave. “É um fenômeno historicamente verificável e incontroverso” (MARTELLI, 1995, p. 27). Reencontrar-se com o cristianismo implica, antes de tudo, a tarefa de repensar os conteúdos da revelação em termos secularizados.¹⁰ Há um sentido positivo da secularização, ao re-propor a questão de Deus como pergunta pelo sentido na realidade contemporânea.

⁸ A religião dentro da secularização deve ser pensada em três níveis: institucional, cognitivo e de comportamento. Em termos institucionais representou a substituição no amplo campo de diferentes funções, da instituição religiosa para instituições autônomas. Em termos cognitivos, secularização significou o processo de racionalização das explicações da realidade. E por fim, em termos de comportamento, significou a privatização da própria experiência religiosa. Não há extinção da religião, mas seu deslocamento para a esfera do sujeito (GUERRIERO, 2004, p. 168).

⁹ Nas décadas de 1960 e 1970, em âmbito internacional, o que também repercutiu no Brasil, o desencantamento e a secularização emergiram de forma contundente: falava-se no exílio do sagrado (para o refúgio de grupos comunitários), em “religião invisível” e em “Eclipse do sagrado”. Vivia-se o período da “crise das instituições religiosas produtoras de sentido”, das igrejas vazias, da crise de vocações religiosas para o sacerdócio, da perda da influência das autoridades religiosas e, no Brasil, do abandono da Igreja Católica por parte de padres que se engajavam em movimentos políticos (NEGRÃO, 2005).

¹⁰ Em 1966, 89% dos franceses declaravam pertencer a uma religião, e 10% afirmavam-se “sem religião”. Trinta e dois anos mais tarde, as respectivas porcentagens passaram a ser 55% e 45%. Esses “sem religião” são maioria entre as pessoas com menos de 50 anos e chegam a 63% na faixa de 18 a 24 anos. Enfim, levando em conta a evolução desde 1998, pode-se avaliar que, pela primeira vez, há séculos, há tantos e até mais franceses fora das religiões do que nelas. Em comparação, apenas 5% dos norte-americanos se declaram “sem religião” [...]. Disponível em: <<http://dipl.uol.com.br/2001-09,a53>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2009.

A secularização, iniciada na encarnação, continua em processo na modernidade e tem como possibilidade, além de devolver à religião seu lugar central na sociedade pós-metafísica, educar o ser humano para “a superação da essência originária violenta do sagrado e da própria vida social” (VATTIMO, 1998, p. 41). A ameaça da sociedade técnica e científica sobre o sujeito é aquilo que do ponto de vista religioso é como uma dissolução dos valores sagrados por parte de um mundo cada vez mais materialista, consumista, no qual convivem diversos sistemas de valores que parecem possibilitar uma verdadeira moralidade, e onde o jogo das interpretações parece impossibilitar qualquer acesso à verdade (VATTIMO, 1998, p. 46). Dentro da ideia de secularização, podem-se questionar muitas das posturas da igreja, por exemplo, a moral religiosa tradicional e a concepção cristã de Deus e do ser humano. No primeiro caso, parece que há uma geral aceitação de valores cristãos. Contudo, isso não quer dizer que o mundo passou a ser muito melhor que no passado, mas que o anti-clericalismo moderno fundado na razão científica e historicista acabou. Diante disso a Igreja Católica prega uma moral familiar e sexual fundamentada na necessidade de defender a imagem de “crentes verdadeiros”, diferentes dos crentes mornos. Com o enfraquecimento da moral religiosa, advindo da secularização, “o sexo se torna mais livre, mas, sobretudo, porque tende a perder aquela aura sagrada” (cf. VATTIMO, 1998, p. 50-55).

Em termos específicos de religião, secularização não é o abandono da experiência e da tradição, é uma transformação de valores. A partir disso Vattimo afirmou que “uma cultura secularizada não é uma cultura que tenha simplesmente atirado para trás das costas os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vivê-los como vestígios, modelos ocultos, mas profundamente presentes” (VATTIMO, 1992, p. 47). Em outras palavras, secularização é, também, a presença do religioso de forma não religiosa. Uma ressignificação da religiosidade tradicional. Na modernidade, o impacto da secularização tem sido mais forte nos homens do que nas mulheres, em pessoas de meia idade do que em muitos jovens ou idosas, nas cidades do que no campo, em classes diretamente vinculadas a classe industrial mais do que as ocupações mais tradicionais, em protestantes e judeus mais que em católicos (BERGER, 1985, p. 120).

4. A PARÓQUIA COM REDE DE COMUNIDADES

A paróquia nasceu quando a Igreja era predominantemente rural. Nos séculos XI e XII criou-se o sistema das paróquias. Hoje, as paróquias devem dar uma resposta aos novos desafios da metrópole secularizada, esta passa pela renovação paroquial com a formação de uma rede de comunidades junto a uma Pastoral Urbana, o que exige nova atitude dos párocos, que devem viver num constante anseio de buscar os católicos afastados e não se contentar com a simples administração paroquial (DAp, n. 201), mas tornar às paróquias missionárias. Porém, a estrutura paroquial em si mesma não é missionária, mas burocrática e administrativa, voltada para si mesma, por isso, deve haver o compromisso missionário de toda a comunidade de sair ao encontro dos católicos não praticantes, interessar-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente se envolverem com ela (DAp, n. 226).

Para mudar o conceito de paróquia burocrática e administrativa, é necessário haver uma mudança total, estar atenta às várias necessidades das pessoas, dentro e fora, procurando ajudar a todos de todas as maneiras possíveis, sendo formada como comunidade de comunidades. Nesta organização, todos os batizados são a Igreja e a missão da Igreja é a missão dos leigos. Só será uma paróquia missionária que responda aos desafios da cidade, se for organizada a partir de pequenas comunidades. Nesta realidade, os leigos devem fazer frente aos desafios da atual sociedade, entrando no mundo complexo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, enfim em contextos nos quais tornam presente a Igreja (DAp, n. 210). A Pastoral Urbana pede a reformulação das estruturas paroquiais para que sejam uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articularem conseguindo que seus membros se sintam e sejam, realmente, em comunhão, discípulos e missionários de Jesus Cristo. “A partir da paróquia é necessário anunciar Jesus Cristo” (DAp, n. 172).

A Pastoral Urbana, para responder aos desafios do mundo secularizado da cidade, deve fazer o esforço da recuperação da identidade católica, ir até os “católicos não praticantes”, aos que se autodeclaram “sem-religião”, convocando toda a Igreja para uma retomada do dever missionário “em estado permanente de missão” (DAp, n. 144). O anúncio na cidade passa de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade, porque

o povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da Igreja (DAp, n. 550), enfrentando o desafio de revitalizar o ser católico. Isto requer uma evangelização mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens. (DAp, n. 13). Deve-se ir ao encontro dos católicos que não professam a fé, por serem os mais vulneráveis ao pluralismo religioso e ao proselitismo pentecostal.

Ser discípulo e missionário significa ir até os afastados, a começar pelos párocos e sacerdotes. “A primeira exigência é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo, [...] mas ao mesmo tempo, deve ser um ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração” (DAp, n. 201). Através dos grupos de rua, das Comunidades Eclesiais de Base, das pequenas comunidades, poder-se-ia também conseguir chegar “aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja” (DAp, n. 310).

A Evangelização na cidade passa não só pela paróquia, mas também pelas famílias e pelos leigos. Os membros da família devem ser autênticos discípulos missionários, assim, “uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive” (DAp, n. 204). Os leigos como discípulos missionários participam desta forma da “ação pastoral da Igreja, primeiramente pelo seu testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e em outras formas de apostolado” (DAp, n. 211). Por isso, é necessário gozar de maior espaço, de participação, ser incumbidos de ministérios e de responsabilidades para que possam viver de modo responsável seu compromisso cristão (DAp, n. 211). A missão é a vocação de todo batizado. O compromisso dos leigos na missão não é devido à falta de sacerdotes ou religiosas. A missão decorre da dignidade e da responsabilidade de todos os leigos na missão da Igreja. Os leigos como discípulos missionários são chamados a fazer outros discípulos missionários no mundo urbano.

Os católicos que “deixam a Igreja” não o fazem por motivos doutrinários ou teológicos, mas por razões vivenciais. Talvez, nos abandonem por estarem buscando sinceramente a Deus (DAp, n. 225). Na cidade “são muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem regularmente os sacramentos e nem se inserem na comunidade eclesial” (DAp, n. 286). Os fiéis buscam comunidades cristãs, onde sejam acolhidos

fraternalmente, se sintam valorizados e incluídos eclesialmente. É necessário, que sejam realmente membros da comunidade eclesial, co-responsáveis por seu desenvolvimento. Isto permitirá um maior compromisso e entrega na Igreja e pela Igreja (DAp, n. 226b).

Os leigos para serem co-responsáveis da Evangelização da Cidade devem ter espaços de participação e de responsabilidades (DAp, n. 211). Igualmente “devem ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade”. O que exige dos párocos “uma mente aberta para acolher o ‘ser’ e o ‘atuar’ do leigo na Igreja” (DAp, n. 213). Mais especificamente nos projetos diocesanos “os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, da planificação e da execução” (DAp, n. 371).

CONCLUSÃO

O pluralismo religioso é um fato inquestionável e a consolidação, de valores seculares laicos, muitas vezes são contrários ao estilo de vida religioso. As mudanças religiosas são mais fortes dentro das metrópoles e, mais especificamente, na parte periférica das grandes cidades.

A secularização que atinge a metrópole é, também, a presença do religioso de forma não religiosa. Uma resignificação da religiosidade tradicional. O impacto da secularização tem sido mais forte nos homens do que nas mulheres, em pessoas de meia idade do que em muitos jovens ou idosas, na metrópole do que no campo, em classes diretamente vinculadas à classe industriais, mais do que as ocupações mais tradicionais. Esta não ocorre da mesma forma e ao mesmo tempo em todos os lugares; mas emerge, ou não, em certos grupos e lugares, de acordo com cada contexto e suas influências; atinge as sociedades e os indivíduos de maneira diferente. A religião como instituição presente na metrópole, na maioria dos casos, deixou de dar aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que deram sentido à vida e a existência.

A Igreja Católica é atingida pelo secularismo e pluralismo religioso, perdendo a hegemonia histórica. É preciso aumentar os centros de referência católica e organizar a paróquia em rede de comunidades menores, onde os católicos possam cultivar a vida eclesial, receber o atendimento religioso adequado e onde o relacionamento humano direto se torna possível.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem Demônios, Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2004.

ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo: Loyola, 2008.

BENEDETTI, Luiz Roberto. A religião na cidade. In: ANTONIAZZI, Alberto & CALIMAN, Cleto. *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BERGER, Peter. (2001). A dessecularização do mundo; uma visão global. In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro: Iser, v.21 (1), 2001, p. 9-24.

_____. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BRIGHENTI, Agenor. Evangelização inculturada e mundo urbano In: *INP, Categorias de Análise e Interpelações Pastorais*. Brasília: CNBB, 2010, p. 7-40.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo mediático*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CNBB, Sul 1. *PAMP: Projeto de Ação Missionária Permanente*. São Paulo: Paulus, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO, *A encruzilhada da fé*. Caderno mais!19/05/2002.

_____. Religião. Caderno Especial. 06/05/2007.

GUERRIERO, Silas. A visibilidade das novas religiões no Brasil. In: MUNIZ, Beatriz de; MARTINHO, Luiz Mauro Sá (org.). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Problemas Urbanos e eficácias rituais. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio & PASSOS, João Décio (ORG). *A fé na metrópole, desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido, a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE (2000). *Sistema IBGE de recuperação acadêmica – SIDRA*. Disponíveis em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=6&i=P&c=137>>. Acesso em: 28.11.2010.

JACOB, César Romero (org.). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003.

MARDONES, José Maria. *Para donde va la religión?* Cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo. Bilbao: Sal Terrae, 1996.

- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 20, n. 59. São Paulo, Outubro, 2005.
- PASSOS, João Décio (2009). A religião e as contradições na metrópole. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio; PASSOS, João Décio (org.). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____. *Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses*. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC. São Paulo, 2001.
- SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1998.
- _____. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- _____. Igrejas sem religião, religião sem igrejas? In: *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 5, n. 7, p. 165-172, jan/jun, 2010.
- _____. *O fim da modernidade, niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WEBER, Max. *Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.